Lucta Social

QUINZENARIO ANARCHISTA

ANNO I | Numero avulso 100 reis | RIO DE JANEIRO, 18 DE JUNHO DE 1922 | NUMERO 4

Int. Inst. Soc. Geschiedenis Amsterdam

Favos de mél!!

«*E' preciso repellir, de modo categorico, qualquer compromisso com os demais partidos e toda politica de conciliação*», escreveram os extremistas de Francfort.

Alguns dos nossos extremistas pensam, e outros agem, de modo inteiramente diverso dessa necessidade.

Uns aconselham a *frente unica revolucionaria*, já tentada em detrimento dos anarchistas. Outros acham que devemos agir prudentemente, evitando discussões que melindrem aquelles que podem tornar-se, num incerto amanhã, bons companheiros.

Nós combatemos sempre ao lado dos que se revoltam, seja em que sentido fôr a revolta; mas não nos sujeitamos aos commandos em chefe; somos *franco-atiradores*; cavalheiros andantes da liberdade. Mas batalhando ao lado de nossos adversarios de amanhã, não contrahimos compromissos que nos embaracem a acção, terminada a lucta para elles, e continuando a batalha para nós e por nossa conta. Todos os politicos, quando na opposição, fazem trabalhos de demolição tão completos e criticas tão acerbas como as que nós anarchistas empregamos contra a *desorganização* social vigente. Fazem côro comnosco: mas não estão comnosco, nem nós com elles.

Nunca serão nossos; e delles nada mais podemos ou devemos esperar, quando forem governo.

Suas revoltas, que não são revoluções, visam a remodelação do existente com os mesmos elementos e dentro das mesmas normas.—

Ora, nós não nos podemos contentar com as pequenas modificações e remendos, com os minguados fructos de um levante partidario, levante de escravos que querem ser senhores, sequiosos de mando e de autoridade, ambiciosos vulgares, homens de negocios illicitos.

Elles se satisfazem com o poder, objectivo unico de suas ambições e preoccupações. Para nós a revolução é a possibilidade de tudo destruir para edificar uma nova sociedade de justiça perfeita, de igualdade e liberdade absolutas.

Que faremos nós propagandistas se nos ativermos aos conselhos prudentes de alguns camaradas, quando nos dizem que não ataquemos nossos adversarios de hoje e de todos os tempos, na esperança de que, no futuro, venham elles a ser excellentes companheiros de luctas, como já ha varios casos registrados?

Cessará toda a nossa actuação; fakirizados, ficaremos a contemplar os proprios umbigos, esperando que a *Graça divina*, em fórma de pomba, descendo sobre os burguezes e socialistas, nossos contradictores, lhes illumine as intelligencias tardias e os reduza aos nossos credos, transformando-os em *excellentes camaradas* de ideal.

Assim elles virão pacificamente a nós, sem motivos de resentimento, sem desconfiança. Façamo-nos de mel e as moscas nos comerão.

Esperemos em paz, emquanto elles nos fazem a guerra e não lhes ponhamos embaraços, nem combatamos idéas com idéas, pois que elles ainda podem converter-se... Quando se converterem, nós os receberemos, como dizem os padres que os arrependidos são recebidos no céu.

Mas, emquanto nos combaterem, combatamos lealmente e vigorosamente, oppondo-lhes a *inercia da não resistencia ao mal pela violencia*, ou violentamente pelos meios que estiverem em nossas mãos. Não discutir, não oppôr nossas razões, nossos raciocinios, não combater e não oppôr diques ás tendencias de augmento de dominação, de oppressão, de tyrannia e dictadura, é suicidio. Esse moderantismo incomprehensivel será a morte da propaganda, assim entendida, como espectativa de reduzir a ferocidade do adversario, que usa as armas as mais infames, por meio de bons modos, boas maneiras, porque elle póde ainda vir a ser dos nossos, ou porque, revolucionario, depende de nossa solidariedade para esmagar-nos depois da victoria.

Nós devemos tratar o inimigo como inimigo, até que elle se passe para nosso lado. Então, esquecidas as divergencias e as injurias, passaremos uma esponja no passado e viveremos como irmãos.

Assim procederemos com os ex-companheiros que se bandearem: irmãos até hontem, inimigos hoje, serão tratados como merecem. Deixar-nos metralhar com a palavra de perdão nos labios e o beijo da amizade prompto a estalar nas faces do inimigo, é ser muito christão. E é isto que nos aconselhom, para que possamos attrahir os adversarios e convertel-os.

E são esses mesmos companheiros que desadoram a acção dos Dukhobors (Tolstoianos) quando, sob o *Knut*, se recusaram a pegar em armas para servirem como assassinos profissionaes, alistados no exercito; são esses mesmos companheiros que pregam o *moderantismo*, na esperança de, pela cordura e pela bondade, convencerem os que nos combatem com as metralhadoras da policia e os trabucos dos sicarios. Máu serviço prestam á causa da revolução, com esses conselhos que desfibram, desvirilizam a propaganda, transformando-a em calmante de flôr de laranja, em agua assucarada, em cariciosa blandicia cortez e mesurenta.

FABIO LUZ

6 de Junho de 1922.

No Far-West

Uma daquellas scenas do Far-West, que a cinematographia da Norte-America não se cansa de exhibir, com todos os *matadores* da caça ao homem e o desperdicio de balas e polvora, abalou certo dia a população laboriosa que se agitava no Cáes do Porto.

No anno passado, por occasião de uma gréve, destacara-se, como audacioso reivindicador, um empregado das cozinhas de bordo dos navios: — a Policia o tomou entre dentes. Era um criminoso perigoso que tinha a insolencia de protestar contra as violencias da democracia policial dominante; logo, tornava-se necessario por qualquer modo afastal-o da sociedade e da vida. Para essa tarefa ha especialistas, agentes provocadores e agentes executores. Em consequencia disso um homem trabalhador, acuado como cão damnado, cercado de perseguidores armados, com o corpo crivado de balas, defendendo-se com um agarramento á vida, e com um heroismo impressionadores, é condemnado, um anno depois, a trinta annos de prisão, apezar de reconhecerem que se defendeu como qualquer se deveria defender de uma horda de assassinos assalariados.

José Leandro da Silva era incommodo, tinha gestos e attitudes de heróe; bravo, destemido, musculoso e valente, estava de qualquer modo condemnado.

Era chegada a occasião de provocal-o e Anecimo Mendes foi executar o plano bem meditado e estudado para a perda de um elemento activo e util á sociedade. Feitas as provocações, Anecimo alvejou José Leandro com dous tiros de garrucha, cahindo depois no mar.

Sabedor das intenções policiaes, José Leandro procurou garantir sua liberdade ameaçada, bem como sua vida, fugindo.

Começou a caça feroz e desapiedada; innumeros homens, armados de pistolas e disparando revolvers a esmo, partiram em perseguição do operario. José Leandro heroicamente abria caminho na multidão dos sicarios, dos assassinos assalariados, defendendo-se com uma faca ou um pequeno cacête, que a testemunha Laudelino Maurity não soube distinguir se era faca, canivete ou cacête.

Nesse conflicto, em que houve mortes, ferimentos, contusões, José Leandro foi afinal preso, crivado de 17 balas, com diversos outros ferimentos e... (parece incrivel) *praticou o nefando crime de fazer funccionar, como arma de fogo de repetição continua, o cacête pequeno ou canivete, (não se sabe bem ao certo) com que estava armado!!* Verdadeiro acto de magica ou prestidigitação— um cacête—arma de fogo!!! Essa arma de fogo assim perigosa, animada das intenções as mais justiceiras, voltou-se contra o magico que se utilizava della, para fazer delle aquella incrustação de balas, constante do corpo de delicto.

Isto é o que, num ligeiro resumo, consta do processo infame e foi verificado no julgamento e na propria sentença, e não constituiu para a incapacidade, torpemente servil de um magistrado, prova de legitima defesa, nem attenuante, sequer, de um crime que não foi, nem podia ter sido praticado por José Leandro da Silva.

Os policiaes, responsaveis pelo conflicto e autores da morte e dos ferimentos delle resultantes, naturalmente subiram no conceito dos chefes, talvez tenham sido promovidos por merecimento e não é de admirar que alguns delles, bem recommendados, sejam hoje commendadores e usem os *crachats* das condecorações do Rei da Belgica.

José Leandro, a heroica victima desse nefando attentado policial, foi condemnado a 30 annos de prisão. Quando clamamos justiça, quando nos revoltamos contra a lama que mancha a face da terra com o nome de Civilização, somos taxados de perversos e dynamiteiros! *Justiça!*... Irrisão!!

Desmascarando...

Henri Fabre, pelas columnas do *Journal du Peuple*, reclama luz sobre os successos russos e pergunta:

«E' verdade que na Russia a Ché-ka substituiu e excede em zelo a antiga Okrana imperial?

«E' verdade que a Ché-ka é tão feroz e malefica que o povo russo a abomina ainda mais do que detestava a Okrana, a instituição de policia e espionagem do antigo regimen?

«E' verdade que os funccionarios da Ché-ka são exactamente os mesmos da antiga Okrana?»

——

O brado de soccorro lançado ao mundo por Emma Goldmann e Berkmann, abstracção feita da sua etiqueta revolucionaria, não se perderá sem echo.

Durante a minha estadia na Russia, amiudadas vezes a mim mesmo perguntava que attitude se me impunha ao regressar do Congresso Constituitivo da Internacional Syndical Vermelha.

Devo mentir e auxiliar a obra de mystificação? Emmudecerei ou direi a verdade?

Parece-me agora haver, emfim, soado a hora de falar.

Não posso ser indifferente ao appello em favor dos anarchistas russos, encarcerados e torturados. Entre irado e envergonhado muitas vezes penso nelles.

Na Russia, mais do que em qualquer outra parte, e sobretudo neste momento, dever-se-hia «gozar» da liberdade de pensamento e da plena possibilidade de exprimil-o.

Uma revolução deshonra-se e antecipadamente vibra um golpe mortal nas que ainda estão em gestação, se tolera que os seus melhores defensores sejam tratados como inimigos.

A razão de Estado! em favor de um partido politico, — embora rotulado de revolucionario,— não deve prevalecer contra a verdade e a honra.

Eu attesto a veracidade de todos os factos referidos no appello de Emma Goldman e de Berkman.

No decurso das minhas pesquizas, ouvi innumeras pessoas de opiniões as mais differentes e de todas as posições sociaes.

E comquanto todos se exprimissem com muita reserva e circumspecção, — tal é o pavor in-

discriptivel que infunde a Ché-ha, —pude firmar o seguinte juizo:

«A dictadura do proletariado não é sequer a dictadura do partido communista; é a dictadura de um reduzido numero de individuos, os chefes do partido, e o do seu organismo director:— a Commissão Extraordinaria».

A delegação syndical franceza ao Congresso de Moscou, levava a incumbencia de pedir ás autoridades communistas medidas de equidade em favor dos presos politicos, e dos anarchistas e exig r que lhes abrissem as portas das cadeias.

Consultados muitos companheiros, ouvidos os mais notoriamente acatados, verifiquei com tristeza que os processos, empregados pela Republica dos Soviets para dominar, são perfeitamente identicos aos de que se serve o governo de Affonso XIII.

As prisões da Russia, de ha muito e mais do que na epoca do tzarismo, estão pejadas de homens integros e corajosos que nos calabouços expiam o enorme, o imperdoavel crime de não curvar a espinha e de não dizer *amen* a tôdos os actos da *elite* do partido communista. São martyrizados porque não acreditam absolutamente nas virtudes dos partidos politicos, e porque são ou anarchistas ou revolucionarios da esquerda.

Na Russia actual é facilimo ser taxado de contra-revolucionario, e é por isso que nos ergastulos russos centenas de milhares de innocentes, de pessoas as mais dignas, são submettidas, moral e physicamente, a torturas inquisitoriaes.

As delegações de todos os paizes representados no Congresso de Moscou, consagraram grande parte do seu tempo em multiplicar esforços para soccorrer e minorar os soffrimentos atrozes desses infelizes presos.

O crime, porém, a iniquidade continúa a perpetuar-se, e até recrudesce de selvageria; ao proletariado de todo o mundo cumpre oppor-lhe um protesto formidavel.

Extreme de toda a parcialidade, não é nas fileiras dos que condemnam o despotismo que avilta o povo russo e a humanidade que procurarei o endossante do appello de E. Goldman e A. Berkman e do meu testemunho franco, leal e sincero.

Confirmando aquelle e garantindo este, offereço o julgamento irrecusavel de um membro conspicuo do partido communista russo, personagem da sua mais absoluta confiança, investido de funcções as mais importantes na administração sovietista, um anarchista que adheriu ao partido communista: — Sergio Kilbatchiche — *(Victor Sergio)*.

No dia 14 de Junho de 1920, a delegação syndicalista franceza iniciou o exame da questão dos anarchistas encarcerados.

Pedimos a Kilbatchiche *(Victor Sergio)*, presente á reunião, algumas informações, que elle de boa mente ministrou.

Eil-as transcriptas da acta d'aquella sessão:

«Kilbatchiche, presente á nossa reunião e convidado a emittir a sua opinião sobre a lista que examinamos, declara:

«Esta lista comprehende tres categorias de presos.

«A 1.ª categoria abrange todos os que combateram ou auxiliaram a opposição pelas armas ao governo dos soviets; na 2.ª estão incluidos os presos por delictos pessoaes, insignificantes; e a 3.ª abarca os encarcerados arbitrariamente, contra todas as regras da justiça, e aos quaes nada absolutamente se póde censurar».

Ahi tendes, cidadão Fabre, como exigis, um pouco de luz.»

E' bem de ver que Lenine, Trotsky, Zinovieff, Radek, e os administradores da Ché-ka não confirmaram as informações fornecidas por Kilbatchiche *(Victor Sergio)*.

Apezar, porém das suas negativas e após innumeras peripecias — (a ultima foi a invasão da sala do Congresso pela guarda vermelha, de baioneta calada, depois de um discurso violento e intempestivo de Bukarine contra os anarchistas) — as delegações franceza e extrangeiras, sob a promessa de que elles se expatriariam, puderam obter a liberdade de alguns anarchistas, e entre elles Voleri, uma das mais bellas e altivas figuras do movimento anarchista russo.

ALBERTO LEMOINE
(delegado francez)

A lealdade marxista ou communista

O Congresso Internacional dos Syndicatos Vermelhos foi, como justamente exprimiu Arlandis, communista-syndicalista hespanhol, uma caricatura de Congresso, uma farça repellente.

«Arranjastes uma maioria ficticia, estribada em suppostas organizações, em organizações que nunca existiram. Dessa fraude dimana vossa maioria», taes foram as palavras com que o delegado hespanhol Arlandis, em seu protesto, vergastou a Lisovsky, o presidente do pseudo — congresso.

E assim foi realmente.

Em numero avultado, minusculos agrupamentos territoriaes, politica e administrativamente subordinadas a Moscou, foram, mas só para a circumstancia, alçados á categoria de nações autonomas.

Os dictadores designaram, para essas improvisadas nações, representantes que, em rebanho, só votaram conforme as ordens de Moscou e, pelo numero, influiram decisivamente nas deliberações do Congresso.

O presidente Lisowsky, quando falava ao Congresso em lingua russa, declarava-se fiel partidario e intransigente respeitador dos pactos celebrados com os communistas, e o remate das suas arengas era um invariavel: *viva o communismo*. Mas, logo em seguida, dirigia, em francez, a palavra ás delegações extrangeiras, affirmando-se conciliador, transigente e finalisava sempre com o brado: *viva o syndicalismo*.

Tres companheiros russos, um dos quaes é Victor Sergio (Kilbatchiche), confirmam, attestam e dão testemunho dessa indigna trapaça.

Ia já o Congresso em meio e um dia encontrei Victor Sergio na sala de leitura do hotel Lux. Elle approximou-se de mim e, baixando a voz, confidenciou-me: «Preciso vêr os teus companheiros Nin, Ibanez e os outros, para uma communicação importante. Acabo de presenciar Zinowieff e Losowsky combinarem, para o anno proximo, a scisão entre os syndicalistas revolucionarios e os communistas.

Não a operam desde já, dizem elles, porque sem o trabalho previo de penetração nas organizações syndicalistas, seria uma precipitação e talvez o fracasso do seu plano.»

Dous dias depois referi quanto deixo aqui narrado ao syndicalista francez Lemoine.

GASTON LEVAL
(Delegado hespanhol)

O IDEAL ANARCHISTA

Não é somente pela applicação da simples razão e em virtude da pura logica que os Anarchistas foram conduzidos a declarar-se adversarios irreductiveis do principio de Autoridade no dominio social.

Foram conduzidos tambem pelo estudo attento e imparcial da historia.

Considerada pelo seu angulo synthetico, a Historia apparece como a attestação persistente de uma luta formidavel entre duas forças: a Autoridade e a Liberdade, forças puxendo em sentido contrario, e disputando, palmo a palmo, o imperio do mundo.

Dum lado, a Autoridade se arma de todos os meios ao seu dispor para manter suas posições, fortifical-as, e acrescentar seu campo de acção: do outro, a Liberdade põe tudo em jogo para debilitar, para minar a Autoridade e reduzir o seu dominio.

Nas edades de barbaria, de rapina e de conquista, nas epocas de guerra permanente de tribus contra tribus, a força brutal affirmava sua soberania. Apoiando-se nas suas legiões armadas, o chefe exercia a autoridade mais absoluta. Sua vontade era lei.

Mais tarde o homem de religião appareceu sobre a scena da Historia. Falava em nome das Forças mysteriosas que governam o conjunto dos seres e as coisas: encarnava a omnipotencia dos deuses que regem o universo: entrava directamente na alma ignorante, credula e superstíciosa das massas; e com essa astucia que a caracteriza, substituiu insensivelmente o poder de cima pelo poder de baixo.

Já não era a tyrania da Força brutal, era a tyrania da Força mascarada de sofismas.

A liberdade e a existencia dos povos, bem assim, a independencia e a vida dos individuos, estavam á mercê de um punhado de Amos, que, despoticamente, dispunham, traficavam, usavam e abusavam de tudo e de todos.

Na lentidão porém, dos seculos, uma força nova se tinha constituido: a Riqueza.

O homem tinha-se dado ao trabalho: tinha cultivado e fertilizado o solo: derrobado os bosques e aterrado os pantanos, construindo cidades: utilizado as correntes de agua; sondado as entranhas da terra: atravessado os mares: traçado estradas e collocado pontes; tinha-se dado ás artes e feito obras primas: tinha estudado os elementos e as forças que os actuam: multiplicado os descobrimentos: melhorado as invenções primarias, e aperfeiçoado de geração á geração as applicações de sciencia á Agricultura á Industria e ao Commercio.

Deste gigantesco e optimo labor, tinha sahido uma prodigiosa accumulação de riquezas.

Esforço Universal, trabalho de todos, porém, cujos frutos foram fraudulentamente confiscados por alguns açambarcadores e filibusteiros: foi a Propriedade.

Cada qual se occupou em ter sua parte pequena ou grande. Emquanto que a Autoridade ficava entre um reduzido grupo de Amos, a Propriedade, tendo sempre seus grandes favoritos, se repartia entre um numero apreciavel de privilegiados.

Estes são os componentes que hoje se chamam a classe capitalista.

Esta classe fez-se tão poderosa, tem ao seu serviço recursos e influencias tão consideraveis, que se impoz aos detentores da Autoridade.

Hoje, Autoridade e Propriedade se combinam, apoiam-se uma a outra, são solidarias, se confundem e não fazem mais que uma.

Dispõem de *tudo* e reinam sobre todos.

As pessoas de curto alcance acreditam candidamente que a potencia combinada do poder politico, *Estado*, e do Poder economico, *Capital*, está contida dentro dos limites da lei.

Em teoria é exacto, no facto é falso; porque a lei, feita pelos representantes no Parlamento, dos Amos e dos Ricos, não é ella mesma senão a consagração dos Poderes usurpados e das Riquezas roubadas.

Contrariamente ao que ensinam os Manuaes e os tratados officiaes, a lei não foi feita para proteger os pobres contra as emprezos dos ricos, senão ao o contrario, para proteger os ricos contra as reivindicações dos pobres; não foi feita com objectivo de proteger os governados contra a tyrannia dos governantes, senão, para proteger os governantes contra a rebellião dos governados.

E' sempre a Força! Não é a Força brutal cynica e franca, não é a Força mystica, velada, cautelosa, hypocrita; é a Força democratica, sempre mascarada de sophisma; é ainda e sempre a Autoridade: a Autoridade sobre os objectos, isto é, o Capital, e a Autoridade sobre as pessoas, ou se diga o *Governo*.

———

Abater essas duas formas de Autoridade tal é o objectivo mirado pelos Anarchistas.

Elles não fazem senão continuar a luta emprehendida, desde a origem da Historia, por todos aquelles que tiveram no coração o amor da liberdade, na luta incessante e tragica, levantando os escravos contra os amos, os povos contra os tyrannos, os pensadores livres contra os torturadores da Inquisição, os vassallos contra os senhores, os *Jacques* contra os castellões, os mortos de fome contra os açambarcadores, os esfarrapados contra os nobres; luta que em todos os paizes do mundo cobriu de cadaveres a rota do progresso; luta que no tempo e no espaço suscitou sempre os heroismos mais puros, os sacrificios mais sublimes.

Chegamos a uma epoca em que a luta contra os exploradores e os amos, reveste um caracter especial e novo.

Já não se trata de conquistar pela revolta, algumas viellas de liberdade; já não se trata de arrancar aos poderosos, algumas concessões; não se trata de obter melhoramentos em detalhes.

Uma doutrina nasceu e se desenvolveu, mostrou sua força e agrupa actualmente no mundo, milhões e milhões de homens.

No espirito dessas massas profundas, a luz penetrou; na consciencia dessa formidavel multidão a convicção se fez de que um resultado *efficiente* só pode ser obtido por um grande abalo que arruine as bases de todo o edificio social por completo, e que somente a Revolução pode dar esta sacudidela.

Está provado que as reformas nada reformam, que os melhoramentos nada melhoram, que as victorias fragmentarias ficam sem effeito.

O que se torna *indispensavel* é a victoria completa, total e definitiva, pela expropriação politica e economica da classe burgueza, pela posse de todos os meios de producção, de transporte e de troca, e pela destruição do Estado.

Apoderar-se do solo, do subsolo, das usinas, das machinas, dos meios de transporte, n'uma palavra, da riqueza sob todas as formas, do capital em todas as suas manifestações, e manter o Estado, *ainda que collocando-o* nas mãos da *classe proletarta*, não seria senão meia-revolução. Os anarchistas não são meio-revolucionarios mas sim revolucionarios completos.

Pôr em commum a terra e a officina, libertar economicamente o trabalho, e continuar sob o jugo do Estado e seu fatal cortejo: governo, legislação social, magistratura, policia, exercito, seria deter-se na metade do caminho na luta que conduz á Terra Promettida da Liberdade. Os anarchistas querem ir até esta Terra Promettida.

Anniquilar o Capitalismo e conservar ou restabelecer o Estado — ainda que proletario — seria das duas formas actuaes da Autoridade, iniqua e homicida, quebrar uma e conservar a outra.

Os anarchistas estão resolvidos a abater uma e outra.

E' assim como entendem a Revolução Social, e não se desarmarão senão quando ella seja um facto realizado e definitivo.

SEBASTIAN FAURE

Morris e Marx

O velho socialista inglez Bruce Glasier, na sua obra recentemente publicada — «William Morris e os primeiros tempos do movimento socialista» narra a estréa de Morris, já então poeta e artista celebre, em um comicio em Glasgow, como orador socialista.

Um «camarada» pedante perguntou a Morris se elle acceitava a theoria do valor de Karl Marx.

Morris, genial, exuberante e sempre leal, respondeu, mordaz:

«Falando sinceramente, ignoro o que seja a theoria do valor de Marx, e diabos me levem se me interessa conhecel-a.

«De uma feita que frigi os miolos, batalhando para comprehendel-a, a theoria de Marx pareceu-me obra muito pouco asseiada.

«Presumo que isso não impede que eu seja socialista.

«A minha economia politica cifra-se em saber que a classe ociosa é rica, quç a classe trabalhadora é pobre, e que os ricos são ricos porque roubam os pobres.

«E mesmo isso eu sei porque vejo *com os meus olhos* e não porque tenha aprendido em nenhum livro.

«E pouco me importa saber se o roubo se opera pela denominada *mais valia*, se pela servidão ou á mão armada».

Toda a correspondencia para a "Lucta Social", deve ser dirigida dara a Rua Tobias Barreto, 46 — Rio de Janeiro.

A etapa actual do bolchevismo

(Trechos de artigo)

....
....

Donde vem a força da Cheka?

Eu poderia contentar-me com a explicação geral de que, em todos os regimens tyrannicos, baseados na violencia, a policia tem uma importancia desmedida. Quanto mais odiado pelo povo é um governo, mais cercado de inimigos é, e mais sua propria existencia depende do devotamento e da fidelidade da policia; como consequencia, cada vez mais a policia o tem nas mãos.

Mas esta explicação de ordem geral não bastaria; ha outras razões agindo no mesmo sentido, desde as proprias preoccupações do governo sovietico. E' preciso não esquecer que estas preoccupações são um tanto especiaes: «*O governo tem por fim*, diz o art. 9.º da Constituição, *esmagar inteiramente a burguezia e estabelecer o socialismo*.» Verdade é que este fim especial sómente é apontado para um «*periodo transitorio*», mas, segundo os calculos de Lenine, este periodo transitorio póde durar gerações e é, em geral um «*provisorio que perdura*».

Assim o governo sovietico tem por fim, não tanto *governar* ou *dirigir*, como *combater* e *esmagar*. Ora a Cheka, foi criada especialmente com este destino; ella se tornou, por assim dizer, o governo por excellencia. Em uma exposição de motivos, official, acompanhando a criação da Cheka, são assim definidas suas funcções: «*A Cheka tem por destino combater, sem se preoccupar com a escolha dos meios* e *dos methodos de lucta a adoptar*, todos os elementos que se opponham ao triumpho do communismo». Esta funcção ou tarefa, é tão vasta que tudo comporta em sua omnipotencia: um voto hostil ao governo torna-se *contra-revolução*; uma indulgencia por parte de um agente do poder é *cumplicidade*: o commercio e a especulação, se oppõem ao principio communista, etc.

Em sua actividade a Cheka é livre; não se tem que preoccupar nem com as consequencias dos seus actos, nem com a sua legalidade, nem com a influencia delles na opinião. Tudo desapparece diante da necessidade de reprimir a contra-revolução. O proprio governo poderia ser accusado de contra-revolucionario.

O caracter do periodo transitorio faz da Cheka o principal arbitro, como nos tempos de guerra o chefe militar, no exercito torna-se o poder supremo.

A segunda razão da omnipotencia da Cheka estava em sua composição. Urquhart escreveu em sua famosa carta que «a Checa reuniu ao redor de si não só os communistas, mas tambem criminosos de delictos communs.

....

Os membros da Cheka são por conseguinte gente á prova de tudo, capaz de tudo, que commette abusos escandalosos no interesse pessoal, mas que é devotada ao regimen ao qual tudo deve e que defenderá no proprio interesse.

....

Passemos a uma outra força social, o partido communista. Deveria elle ser, em principio, um partido politico; mas é um contra-senso, não existindo outros partidos; elle é o unico que tem direito de viver, e fóra delle não ha senão individuos sem partido, pois os representantes dos outros partidos estão nas prisões, ou no banco dos réus, em grandes processos politicos. Assim o partido communista é cousa differente de um partido politico: os syndicatos profissionaes serão a classe dirigente, o partido communista é o escól, a *elite*, a aristocracia. Sem para isso ter direito elle pesa na acção governamental. Nenhuma medida politica se toma, sem combinação entre o governo e o *comité* do partido.

O Congresso do partido representa quasi o mesmo papel que o Congresso dos soviets; é lá que Lenine pronuncia seus mais sensacionaes discursos.

Emquanto na Russia sovietica todo o mundo recebe os meios de subsistencia do governo, que é o detentor e distribuidor das riquezas, o partido communista está em situação privilegiada; tudo—moradia, abastecimento de generos, passagens, meios de transporte, tudo lhe é outorgado em primeiro logar e em abundancia. Além dos privilegios materiaes gosa de uma influencia politica não prevista pela Constituição, mas muito real e effectiva.........

....

Em Paris ha um *olho de Moscou*. Na Russia *olhos* iguaes estão por toda a parte. O governo delles se serve, conta com elles, inclina-se diante delles. O que nas colonias é a raça dos vencedores, são os communistas na Russia sovietica.

O Estado somos nós, poderiam dizer.

De que se compõe elle?

A' sua frente estão os fanaticos, os militantes communistas; mas a grande massa é formada dos que fazem da posição um officio: politicos profissionaes, imprestaveis da classe operaria que preferem ao trabalho a fiscalização dos companheiros, ambiciosos que aspiram representar papeis importantes. As vantagens concedidas aos membros do partido attrahem, muitas vezes, simples aproveitadores de má fé. Quando dão pelo caso fazem *depurações* sem piedade. Velam pela pureza do partido. Esse partido accumulado de privilegios injustificados, inspira tal odio á população, que nas revoltas de Kronstadt a palavra de ordem da revolta era: «Vivam os soviets! Abaixo os communistas.»

....

Do mesmo modo que no antigo regimen, a classe dirigente da epoca, — a nobreza e a burguezia, — occupava o proscenio politico e dava a impressão de estabilidade e de satisfação geral; no regimen sovietico o mesmo proscenio e os mesmos palacios são occupados por outra minoria, egualmente devotada ao regimea, contente de si mesmo e de sua posição.

....
....

Escutemos Lenine:

«O ensaio de introducção do communismo valeu-nos — disse elle no discurso de 17 de Outubro de 1921 —, na frente economica, uma derrota mais grave do que a que soffremos, antes, de Koltchak, Denikine e Pilsudski.....

E' preciso basear toda a economia nacional no interesse pessoal. Nós pensavamos que a producção e a repartição se fariam segundo as regras communistas.....

Devemos mudar de methodos».........................

.... Disse Lenine: O systema communista fracassou porque nós o applicamos integralmente.

B. M.

(Do «Mercure de France» — Maio de 1922.

Victor Sérge:-- Kilbaltchiche

O agente do governo de Moscou — «Victor Serge» —, é um velho conhecido meu. Havia promettido edificar os leitores a seu respeito desde muitos mezes; mas o assumpto indigno me repugnava a tal ponto que não me podia resolver a satisfazer minha promessa.

Depois do ataque canalha perpetrado contra a nobre e grande figura de Bakunine, occorre-me a obrigação de dizer o que sei de Kilbaltchiche, mentiroso e calumniador a soldo de Moscou.

Conheci Kilbaltchiche em uma epoca em que, moço, e imberbe, elle formava o «nucleo» dos «jovens guardas socialistas da Casa do Povo», em Bruxellas.

A crisalida annunciava já a borboleta que estava a se formar: expulso da «Casa do Povo» juntamente com meia duzia de companheiros delle, Kilbaltchiche fundou um grupo revolucionario que se atirou como um enxame ruidoso sobre a casa de meu amigo G. M., o qual, com o concurso de um companheiro typographo e meu, fazia sahir em uma deliciosa aldeia dos arredores de Bruxellas, um jornal anarchista — «Le Revolté», enriquecido com esses novos collaboradores.

«Le Revolté» não tardou a tomar, com grande desprazer de seu fundador, uma feição individualista pronunciada. O grupo — «Le Retif» orientou-o rapidamente para o illegalismo verboso, então em voga.

Na Russia e na Inglaterra se haviam realizado actos ex-propriatorios clamorosos. Le Retif (Victor Serge) não só os registrou como os elevou a thema favorito de propaganda. Por esse tempo, o russo Hartenstein, e alguns outros com os quaes Kilbaltichiche mantinha relações quotidianas, praticavam a expropriação á mão armada, em Bruxellas. Um negociante judeu, burguez sympathizante, cuja bolsa estava largamente aberta para os refugiados, foi sua victima. Tal era «Le Retif» o provocador do illegalismo e socio das desapropriações pelo facto. Por fim não trabalhava mais, vivia não se sabe como e praticava a imprensa.

— Qual pois o genero de Anarchia que o nosso homem podia logicamente reivindicar? Com que lama estava empastada a idéa que resultava de tal campeão?

Advinha-se facilmente que a tal moço emprehendedor, «atirado», como Kilbaltchiche não faltariam, em Paris, emprego e trabalho dignos delle. Andou para a Anarchia. Depressa tomou-lhe a direcção.

Agora abre-se a éra das grandes realizações, tempo de fructuosas messes illegaes. Não se praticava delicto em ponto pequeno, humildemente. Procedia-se graúdamente, em mais larga escala, sem escrupulos.

Um exemplo:

O companheiro Lezareff, estudante bulgaro, mordido pela tarantula literaria, como a maior parte dos Slavos, queria fazer publicar um «Canto do Cysne». Foi procurar Kilbaltchiche que o acolheu com o sorriso nos labios e mediante prompto conchavo, lhe prometteu as provas para oito dias depois. Lazareff lhe adiantou uma discreta quantia. Quando se apresentou para receber as provas, Kilbaltchiche e o socio... lhe apresentaram um revolver terrivelmente eloquente. O pobre Lazareff não teve outro recurso senão relatar seu caso em reunião publica, mas então foi esbordoado pela cavallaria da Policia...

Uma sucia de degenerados povoou a caverna da «Anarchia». Além desses, alguns elementos, não estragados mas desviados que desertavam do trabalho, realizavam «seu eu»!

Eram estes que estavam destinados a tornar-se os «Bandidos tragicos» debaixo da influencia de outrem.

Recordo Carony, operario torneiro; Callemin, aprendiz de typographo. Esses eram do grupo «Le Retif», soffriam-lhe a ifluencia. Se me fosse possivel contrabalançar esta influencia, Carony, J. Deboê e Callemin, não se desviariam um ponto dos principios anarchistas, como estão nas obras dos nossos classicos. Mas no momento em que esses jovens deixaram seus paizes para collocar-se debaixo da protecção moral do «genio da Anarchia», ninguem os podêria salvar.

Espiritos debeis, sem profunda cultura, auto suggestionaveis, em excesso, tornaram-se, facilmente, presas do monstro devorador do «illegalismo». Haviam-lhes dito que era preciso «viver sua vida» a todo o custo; que para isso conseguir «tudo era permittido», que os «tumores» devem ser exprimidos, qué os «fortes» nada mais tinham que fazer do que esmagar os «fracos».

Tudo isso em nome de Le Dantec. Disseram-lhes ainda que com um golpe de audacia era possivel libertarem-se da exploração capitalista e conquistar definitivamente o conforto e a felicidade. Começou a tragica odysséa. O doce Callemin, o innoffensivo Carony, e os outros lançaram-se ao assalto, ao dinheiro, sem temer derramar sangue na sua passagem. Esse dinheiro, por cuja conquista se sacrificava a humanidade, a quem aproveitava?

Os desgraçados que se julgavam livres lançando-se no caminho do «illegalismo», eram na realidade prisioneiros de uma assombrosa aberração.

Quem produziu essa aberração senão «Victor Serge»? Carony se envenenou no carcere, Callemin foi á guilhotina; Deboê levado ás galés, etc.

Acompanharei o homem que arrasta esses cadaveres e essa desgraça, na consciencia; mas a personagem de Dostoiewsky — Smerdiakov — a quem parece assemelhar-se hoje «Le Retif, tem isto de particular; «não tem consciencia». Que lhe importam os cadaveres?...

Que um tal individuo tenha encontrado emprego e que lhe tenham dado funcções os «dictadores» do proletariado, do mesmo modo que elle as encontrou na «Anarchia», não surprehende. E' até natural que Kilbaltchiche seja elevado ás dignidades e honras em um Regimen dictatorial que tudo deve á «força», e que tudo espera da «astucia», da «violencia» e da «mentira», que opprime os verdadeiros anarchistas — aquelles que teem uma moral inflexivel — e os faz gemer nas prisões ou morrer assassinados. Mas os dictadores de Moscou que sabem tão bem collocar os homens nas respectivas posições que sabem tão bem aproveitar os especialistas que offerecem seu concurso á Revolução proletaria (?) e que são tão habeis em tirar proveito da psychologia simplista das multidões, enganaram-se grosseiramente esperando de um «Le Retif» serviços de apreciavel propaganda. Sem contar que a tarefa de preparar, em França, uma mentalidade operaria adequada ao exercicio da dictadura, apresenta por si mesma rudes difficuldades — e os factos o provam, — seria preciso ao menos, para que fosse tomada em consideração pelos espiritos sérios e desinteressados, que as «theses de Moscou» fossem propagadas por gente mais limpa. Ora, com inaudita inhabilidade impõe Moscou á «Vie Ouvrière» (e a — «O Communista», a «Ordine Nova», etc. N. da R.) — para preparar a opinião «dos pequenos burguezes», o individuo mais cynico e mais tarado que se tenha dado para retomar as armas da «Anarchia».

Não se encontra facilmente, sem duvida, um propagandista honesto para uma causa que não é defendida com argumentos de logica, de raciocinio e de doutrina.

Cabia a um Kilbaltchiche, que se sabia ser um «sem escrupulos conscientemente», executar com honra o que mais não é do que a continuação dos seus feitos. E é facto que o formidavel embate de todas as Revoluções da miseria — leva ao poder uma turma feroz de degenerados e transforma os que para nada servem em guardas, legisladores e patronos do amanhã.

RHILLON

(*L' Avenire Anarchico* — 27 de Janeiro — 1922).

NOTA: Sahido da prisão de Milão, durante a guerra, Kilbaltchiche, ficou em um campo de concentração como russo e subversivo.

Appareceu «Victor Serge», ou «Kilbaltchiche» ou «Le Retif», como agente provocador a serviço da «Che-ka». de «Moscou». Com esta nova armadura é apresentado pela «Ordine Nuova» e pelo «Il Communiste» como paladino da dictadura para justificar a perseguição dos anarchistas.

Salienta-se actualmente no cargo que occupa como chefe de policia de Moscou.

A prisão arbitraria de Aureliano Silva

Quizeramos ficar calado, porém nossa consciencia não pode supportar tal ignominia. A que motivo, e a que tal arbitrariedade?

Aureliano Silva é um operario honesto e exemplar chefe de familia, companheiro pacifico e como a maior parte dos trabalhadores, consciente, um syndicado, filiado á Construcção Civil, membro do Comité de Defesa de José Leandro da Silva, e n'este pequeno jornal de lucta: *A Lucta Social*, era a quem devia ser dirigida a correspondencia. Será porventura este o crime?

Perguntamos nós onde existe o artigo 72 da Constituição Brasileira e seus paragraphos, particularmente §§ 12, 14 e 28? Sabemos antecipadamente que nós trabalhadores, productores da riqueza nacional, estamos fóra da lei por termos nascido ou nos termos criado neste paiz; não obstante os capitalistas extrangeiros, que conservam a sua nacionalidade, e os seus meios illicitos de vida, são respeitados, a elles concedidas todas as regalias, porque possuem o dinheiro que corrompe as consciencias............

....

porém passados alguns dias, apparece uma bomba na escada do Senado; e como sempre os anarchistas somos os que pagamos o pato; gritaremos e diremos aos trabalhadores:

Alerta! os assassinos porventura ousaram novamente, como a uns tempos atraz, fazer explodir bombas, para, por esse motivo, prenderem e deportarem nossos queridos companheiros, homens do povo, que tranquillamente após terem cumprido com as suas jornadas de trabalho, vão para seus lares com a alegria no coração, o sorriso nos nos labios e a satisfação de levar o pão para familia, aonde encontrarão a amante companheira, os filhos queridos, a velha mãe, esperando-os para compartir a ceia, e recuperar as forças gastas pelas fatigas do dia, com o carinho familiar.

....

No caminho, quando já está perto de sua casa, approxima-se-lhe um individuo qualquer e o convida a comparecer a chefatura de policia. Como não lhe accusa a consciencia, attende ao miseravel, lá é detido varios dias, sem poder nada participar aos seus amigos e parentes queridos. E' necessario que as autoridades se compenetrem de que isso não é humano, não é honesto e portanto não é justo e equitativo e que assim demonstram a fallencia do seu regimen de tyrannia e de oppressão.

Querem subir de posto e ganhar as sympathias dos senhores do Centro Industrial do Brasil procurem outros meios mais honestos que perseguir os productores...

O nosso camarada, após 3 dias, foi posto em liberdade e ainda espera saber o motivo da sua prisão.

J. SANTOS

A estatistica *official* do governo sovietico dá ao mundo a grata noticia de que no mez de Maio findo, nas prisões russas, estavam encarcerados apenas 167.000 *presos politicos*.

Os demais milhares de presos que apodrecem nas masmorras communistas são accusados de *outros crimes*, diz bondosamente o commissario de justiça do governo de Lenine.

Grande Festival de Solidariedade

No JARDIM ZOOLOGICO

DOMINGO, 18 DE JUNHO DE 1922

Patrocinado por associações operarias de Mar e Terra, junto ao Comité pró José Leandro da Silva, com o concurso do Grupo Theatro Social e a orchestra do Gremio Artistico Renovação

PROGRAMMA DEFINITIVO

Entrada para o Jardim, ás 9 horas da manhã

1.ª PARTE

Historico do processo, com apparição em forma de apotheose de José Leandro da Silva, pelo camarada Carlos Dias.

2.ª PARTE

Corrida de bycicletas, com um premio de um bom guarda-chuva, ao ultimo que chegar mais atrazado.

3.ª PARTE

Corrida pedestre, em disputa com um campeão mundial, que se encontra nesta Capital, com o premio de um alfinete de ouro ao vencedor.

4.ª PARTE

Jogo de pau, por quatro conhecidos jogadores, com premios de medalhas de ouro.

5.ª PARTE

Match de football, VILLA x SUL AMERICA, premio de uma artistica Taça ao vencedor.

6.ª PARTE

Leilão de prendas.

7.ª PARTE

Corrida de sacco, com premio ao vencedor de um alfinete de ouro para gravata.

8.ª PARTE

Corrida de ovo na colher, por senhoras e senhoritas, com o premio para primeiro lugar, meio apparelho de louça para jantar, segundo premio um corte de vestido.

9.ª PARTE

Tiro ao alvo, por um celebre atirador hespanhol, premiado em diversos certamens e que toma parte nas festas do Centenario, premio uma caixa com segredo.

10.ª PARTE

Corrida de gatinhas, furando barricas, com o premio de um bom par de abotuadura ao venceder.

11.ª PARTE

Quebrar um dos potes, com os olhos vedados, com o premio dentro, de um annel bom.

12.ª PARTE

Finalizará com um espectaculo, da comedia **Ninéte,** pelo GRUPO THEATRO SOCIAL, e auxiliado pela orchestra do GREMIO ARTISTICO RENOVAÇÃO, e um acto de variedades por diversos camaradas.

NOTA = Abrilhantará este festival além da orchestra do Gremio Artistico Renovação, uma banda marcial.

Todos os camaradas que queiram inscrevers-e em alguns dos numeros deste programma poderão fazel-o até ás 12 horas do dia do festival.

Os camaradas que queiram auxiliar com prendas para o leilão deste festival, poderão entregal-as á commissão deste programma.

Os meios auxilios de 500 réis serão para as crianças de 7 a 14 annos para entrar no Jardim, e servem para o theatro e o foot-ball.

E os auxilios de 1$000 para os maiores de 14 annos para entrar no Jardim, e as crianças até 7 annos, gratis.

ATTENÇÃO = As entradas se encontram nas Associações seguintes: Associação dos Carpinteiros Navaes, União dos Taifeiros Culinarios e Panificadores Maritimos, Associação dos Marinheiros e Remadores, Sociedade União dos Foguistas, Associação de Resistencia dos Cocheiros, Corroceiros, e Classes Annexas, Alliança dos Trabalhadores em Marcenarias, Alliança dos Operarios em Calçado, Syndicato dos Culinarios, União dos Operarios em Construcção Civil, União dos Empregados em Padarias, União dos Operarios em Tinturarias, União dos Alfaiates, Centro dos Operarios Marmoristas, Centro Cosmopolita, Federação Operaria do Estado do Rio, até á vespera do festival e no dia nas bilheterias do Jardim.

A Commissão

O partido do proletariado

(Continuação)

Isto servirá melhor do que tornar menos autoritario o novo eventual governo que a inconsciencia, ainda sobrexistente, da maioria imponha á minoria libertaria.

Será, á espera da abolição completa, o «*menos Estado*» possivel.

Os bolchevistas, ao contrario, prohibiram a *priori* o proletariado, que os seguia, pôr mão directamente sobre a propriedade capitalistica. Os proletarios deviam bater-se contra o antigo regimen, abatel-o; mas depois contentar-se com o nomear um governo pertencente ao partido communista, e collocar no poder o chefe d'esse partido. Elles assumiram de improviso o poder o mais absoluto, centralizado e dispotico, como diz a propria palavra, — *dictadura*.

E não só esse governo concentrou em suas mãos todos os poderes politicos militares, administrativos e policiaes, mas ainda todo o poder economico do paiz, tornando-se o gestor e mesmo o patrão da riqueza arrebatada aos capitalistas particulares.

Seria unicamente o Estado que assumiria a funcção de expropriador, e tambem a de pactuar com os antigos patrões e com o capitalismo extrangeiro etc.

A grande massa do proletariado ficará *proletariado*, quer dizer annullada; e continuará a ser *salariada* ou *estipendiada*, como anteriormente. A differença está em que em vez de ser *paga* por seu trabalho pelo capitalismo particular, será paga pelo *capitalismo do Estado*.

Provavelmente pouco lucro houve na troca; até se perdeu e muito.

Esta expressão — *Capitalismo do Estado* — tivemol-a nos tempos passados adoptada quasi exclusivamente pelos anarchistas, para reprovar aos socialistas os extremos a que os levaria seu autoritarismo; mas no passado elles se defenderam como de uma calumnia.

Hoje, ao contrario, acceitam isto — os sociaes democratas na pelle nova dos communistas. O capitalismo do Estado, se bem que gerindo em nome dos operarios, exercerá uma especie de exploração debaixo da capa de um interesse abstracto da collectividade, em nada diverso do antigo.

Assim essa exploração, exercida *para o bem de todos*, lhes tirará aquelles poucos exemplos qne possam parecer com um lembrete de que estão fazendo trabalhar os operarios no seu interesse pessoal. O trabalhador terá em cima de si um duplo jugo combinado, em uma exploração economica e politica. A officina será então uma caserna onde se faz a exploração diante de uma obrigação legal; o contra-mestre será antes um policial, o engenheiro director da officina será um minusculo governador que em nome da lei e por meio da policia poderá impor aos proletarios que trabalhem ou não trabalhem, com a condição que agradar a elle ou ao governo.

O *Proletariado*, em abstracto, tornar-se-ha, mediante seus chefes de partido, o desfructador e o oppressor do proletariado de carne e osso; e estes terão somente a satisfação de ver trocado o nome da cousa de que se queriam libertar: «*a escravidão do salariado*». Não se diga que nossas previsões são muito pessimistas, quando acerca d'isto se podem julgar peores as condições do proletariado russo, no goso, hoje, das delicias da dictadura.

***

Temos, em outras muitas occasiões, demonstrado que o programma do partido communista autoritaritario visa — seja transitoriamente, mas de uma transitoriedade muito longa e elastica pela qual cessará não se sabe quando — a substituição de uma dominação por outra: visa substituir um governo por um outro uma classe privilegiada, por outra igualmente privilegiada. A grande massa dos proletarios ficará a classe dominada, pela simples razão de que o poder não pode ser exercido senão por poucos; e o dominio por delegação de poderes da maioria á minoria não passa de uma ficção.

Na pratica a minoria no poder são os unicos dominadores e os privilegiados com prejuizo da maioria nominalmente representada e na realidade submetida e explorada.

(Continúa) LUIGI FABBRI

Cidadão benemerito

Maximo Gorki, antes de se converter ao *Leninismo*, em Abril de 1918, escrevia: «Elles bem sabem que o «*communismo*» sovietista compromette cada vez mais, não só as idéas da social-democracia, mas, em geral, as esperanças da democracia radical: e elles não dissimulam seu odio sincero á *democracia democratica*.

«Para Lenine a Russia não é mais do que o *material* de uma experiencia começada na escala mundial, diz elle».

Em 23 de Novembro de 1917 — escreveu *Aos operarios*: «Vladimir Lenine introduziu na Russia o regimen socialista *a todo vapor atravez da lama*...

Pessoalmente Lenine è um homem de força excepcional: durante vinte e cinco annos, esteve na vanguarda dos que luctavam pelo triumpho do socialismo... E' um *chefe* e um *barine* russo; tem os traços moraes da classe decahida, e é por isso que se acredita no direito de fazer com o povo russo uma experiencia cruel, que está previamente condemnada ao fracasso.»

Em 1920, tendo acceitado as funcções officiaes, apezar de não ser bolchevista, nem pertencer ao partido communista, Gorki escreveu: «O fim fundamental da vida interna de Lenine é a felicidade da humanidade...

Sua vida particular é tal que, em epoca de grande fé religiosa, Lenine seria considerado um *santo*. Sei que isto enfurecerá os pequenos burguezes, o proprio Lenine dará boas risadas e muitos camaradas zombarão de mim. *Santo* é effectivamente um termo paradoxal e comico, applicado a um homem para o qual «*nada ha absolutamente santo.*»

....

Tal como o «*cidadão benemerito*» !!!

"Concepção Anarchista do Syndicalismo"

Este livro é da autoria de Neno Vasco.

A União dos Operarios em Construcção Civil, deu a quota correspondente a 50 % do custo total da edição. E' um bello gesto digno de ser imitado por todos aquelles que, de facto, se interessem por essas coisas.

Tchitcherin, chefe da delegação communista russa á Conferencia de Genova, é fervente admirador dos esbirros italianos.

Ao deixar Genova, informam os telegrammas, além da sua photographia, mimoseou os *honrados secretas* da Policia de Segurança com varios presentes valiosos.

E viva a Checa!